

Las relaciones de los bebés entre sí, el llanto y la enseñanza en la guardería¹

Fernanda Pedrosa Coutinho Marques²; Iza Rodrigues da Luz³

Recibido: 30 de septiembre de 2023 / Aceptado: 24 de octubre de 2023

Resumen. En este artículo, presentamos cómo el llanto de los bebés impregna los encuentros con sus pares, influyendo simultáneamente en sus interacciones, acciones y manifestaciones. El marco teórico-metodológico de la Red de Significados articulado con los estudios de Educación Infantil y Psicología Histórico-Cultural sustentaron nuestros análisis. Los datos analizados y presentados en este artículo provienen de una investigación doctoral con enfoque cualitativo, que tuvo como objetivo comprender cómo el llanto de los bebés interfiere en las relaciones educativo-pedagógicas desarrolladas en una Escuela Municipal de Educación Infantil (EMEI) de la ciudad de Belo Horizonte, en Minas Gerais, Brasil. A partir de la observación participante y la filmación realizada en una clase de guardería de EMEI, estudiada en 2017, identificamos cómo el llanto de los bebés se presenta como un elemento que desencadena encuentros y desacuerdos simultáneos entre los bebés y sus pares. Estas reuniones rápidas generalmente se llevaban a cabo en momentos en el que los bebés no estaban en interacción directa con los docentes. Así, afirmamos que los bebés, a través de sus acciones, modifican su propio entorno y lo transforman, posibilitando encuentros, desacuerdos y juegos con sus pares. Por lo tanto, es importante que la enseñanza en guarderías asegure espacios y tiempos para estas interacciones entre los bebés y considere sus expresiones, especialmente el llanto.

Palabras clave: Bebés; Llanto; Interacciones entre bebés; Enseñanza en guarderías; Educación Infantil.

[pt] As relações dos bebês entre si, o choro e a docência na creche

Resumo. Neste artigo, apresentamos como o choro dos bebês perpassa os encontros com seus coetâneos, influenciando suas interações, ações e manifestações de forma simultânea. O referencial teórico-metodológico da Rede de Significações articulado com os estudos da Educação Infantil e da Psicologia Histórico-Cultural embasaram nossas análises. Os dados analisados e apresentados neste artigo são oriundos de uma pesquisa de doutorado de abordagem qualitativa, que teve como objetivo compreender como o choro dos bebês interfere nas relações educativo-pedagógicas desenvolvidas em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) da cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, Brasil. A partir da observação participante e das filmagens realizadas em uma turma de berçário da EMEI, estudada no ano de 2017, identificamos como o choro dos bebês se apresenta como um elemento desencadeador de encontros e desencontros simultâneos dos bebês com seus coetâneos. Esses encontros, rápidos, geralmente aconteciam durante os momentos em que os bebês não estavam em interações diretas com as professoras. Assim, afirmamos que os bebês com suas ações modificam o próprio ambiente e o transformam, possibilitando encontros, desencontros e brincadeiras com seus coetâneos. Sendo assim, destaca-se a relevância de que a docência na creche assegure espaços e tempos para essa interação entre os bebês e considere suas expressões, sobretudo o choro.

Palavras chave: Bebês; Choro; Interações entre os bebês; Docência na creche; Educação Infantil.

[en] Babies' relationships with each other, crying and teaching at daycare

Abstract. In this paper, we present how babies' crying permeates encounters with their peers, influencing their interactions, actions and manifestations simultaneously. The theoretical-methodological framework of the Network of Meanings articulated with the studies of Early Childhood Education and Historical-Cultural Psychology supported our analyses. The data analyzed and presented in this paper come from a doctoral research with a qualitative approach, which aimed to understand how babies' crying interferes with educational-pedagogical relationships developed in a municipal school of early childhood education (EMEI) in the city of Belo Horizonte, in Minas Gerais, Brazil. Based on participant observation

¹ Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG pelo financiamento do projeto que inclui a pesquisa que originou o artigo.

² Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5211-3937>
E-mail: fernanda.coutinho12@gmail.com

³ Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e pós-doutoranda da Universidade de São Paulo – USP
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4772-1329>
E-mail: izarodriguesluz@gmail.com

and film footage made in an EMEI nursery class studied in 2017, we identified how babies' crying presents itself as an element that triggers simultaneous meetings and disagreements between babies and their peers. These quick meetings generally took place during times in which the babies weren't in direct interactions with the teachers. Thus, we affirm that babies, through their actions, modify their own environment and transform it, enabling meetings, disagreements, and games with their peers. Therefore, it is important that teaching at daycare ensures spaces and times for these interactions between babies and consider their expressions, especially crying.

Keywords: Babies; Crying; Interactions between babies; Teaching at daycare; Early Childhood Education.

Sumario: 1. Introdução. 2. O choro nas relações dos bebês com seus coetâneos na Educação Infantil. 3. O choro dos bebês como possibilidade de relações e de construção de significados com seus coetâneos. 3.1. O choro durante os encontros dos bebês com seus coetâneos. 3.2. O choro como ponte de encontros entre os bebês. 4. Considerações finais: indícios para a construção da docência com os bebês. 5. Referências bibliográficas.

Cómo citar: Marques, F.P.C. y Luz, I.R. (2023). Las relaciones de los bebés entre sí, el llanto y la enseñanza en la guardería. *Sociedad e Infancias*, 7(2), 271-283. <https://dx.doi.org/10.5209/soci.91728>

1. Introdução

O que os bebês nos ensinam? Como o choro dos bebês perpassa as suas interações com seus coetâneos? A partir desses questionamentos e das várias interações que se constituíram no berçário, lócus desta pesquisa, tanto entre os sujeitos como desses com o meio, destacamos e apresentamos, neste artigo, os encontros dos bebês com seus coetâneos e os atravessamentos do choro nessas interações no contexto da Educação Infantil (EI). As informações são parte dos resultados de uma tese de doutorado (Marques, 2023) que se debruçou sobre o banco de dados de uma pesquisa empírica de abordagem qualitativa que teve como principal método a observação participante em uma turma composta por 12 bebês, 4 professoras e 1 auxiliar. No início da pesquisa os bebês tinham entre 1 ano e 1 mês a 1 ano e 4 meses. As observações, realizadas durante o 2º semestre do ano de 2017, registradas em diário de campo e por meio de videograções, tiveram como foco o choro nas interações dos bebês entre si e com suas professoras e auxiliar. Por meio da análise microgenética dos dados construídos a partir das videograções (Amorim *et al.*, 2000), e tendo um referencial teórico-metodológico que articulou estudos da Rede de Significações (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2017)⁴ com estudos da Educação Infantil e da Psicologia Histórico-Cultural, buscamos neste artigo apreender os encontros, as formas de comunicação e as relações dos bebês com seus pares na creche, bem como compreender como o choro as perpassa, desencadeando encontros e desencontros entre eles.

Ressaltamos que, para a realização da pesquisa, foram seguidas todas as exigências previstas pelo Programa de Pós-Graduação e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais⁵. Observaram-se os procedimentos e os cuidados éticos relativos à autorização para o início da pesquisa e a entrada em campo e à participação dos sujeitos. Estivemos atentas a esses cuidados éticos no que concerne aos encontros com as participantes e com os familiares dos bebês para apresentação da pesquisa e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e durante as interações que ocorreram no berçário. Ressaltamos que os termos de consentimento incluíram a autorização para o uso das imagens dos bebês, professoras e auxiliar.

Em nossas escritas e análises, estivemos atentas ao choro como uma expressão oriunda das funções biológicas e dos aspectos sociais e culturais dos sujeitos (Vygotsky, 2007; Wallon, 1968, 1971) que compõem o contexto em que essas relações ocorrem, bem como à compreensão das ações e expressões dos bebês, que, simultaneamente, se modificam e modificam o próprio contexto em que se desenrolam os episódios.

É interessante salientar o quão complexas são essas relações, marcadas pela simultaneidade de ações e pela alteridade dos bebês (Schmitt, 2008). Também é importante ressaltar que o contexto da EI pode se constituir em um espaço de socialização privilegiado para a ampliação das relações dos bebês, uma vez que, além de permitir o seu encontro com crianças maiores e com adultos, permite encontros dos bebês com seus coetâneos.

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) que compõe a rede de escolas públicas do município de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, Brasil. Os princípios e orientações específicas sobre o atendimento de bebês e crianças na EI seguem as Proposições Curriculares que são embasadas nos documentos e estudos deste campo (Belo Horizonte, 2014, 2015; Brasil, 2010).

Apesar da invisibilidade do sujeito bebê, tanto na sociedade como nas políticas públicas educacionais, avançamos na compreensão das experiências do ser bebê no mundo (Gobbato e Barbosa, 2017; Rosemberg, 2011). Possivelmente porque eles estão por todos os espaços e nos interrogam o tempo todo. Verificamos que houve uma ampliação de estudos do campo da EI que possibilita compreender a relevância das interações e dos encontros dos bebês, não só com os adultos, mas também com seus pares nesse contexto coletivo da creche (Rossetti-Ferreira *et*

⁴ As análises dos dados filmicos das videograções buscaram encontrar unidades de análises que permitissem identificar parte da rede de significações em que o choro dos bebês estava imerso, buscando nos episódios identificar as relações entre os sujeitos, suas ações, suas expressões e com o contexto.

⁵ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais conforme parecer CAAE: 77364117.1.0000.5149 e conforme acordado nos termos de consentimento todos os nomes utilizados na pesquisa são fictícios.

al., 2017; Rossetti-Ferreira, Amorim e Oliveira, 2009). Esses encontros são potentes para o desenvolvimento, pois permitem que ações iniciadas e compartilhadas pelos próprios bebês interfiram, conduzam e se entrecruzem em todo o contexto pedagógico da EI.

Sobre o encontro com o outro no espaço da creche, Coutinho (2010) pondera que

a educação dos bebês em creche é, sem dúvidas, uma conquista das famílias, sobretudo as trabalhadoras, mas também é uma conquista dos próprios bebês, que podem gozar do direito a ter um espaço intencionalmente organizado para recebê-los, em que o encontro com os pares é uma prerrogativa constante. A creche é então entendida [...] como um espaço de educação em que o encontro com o outro, a brincadeira, a ampliação dos repertórios linguísticos, sociais, culturais, mediante a ação social pelo corpo, pelas trocas e a descoberta são reveladoras das possibilidades encontradas nesse lugar (Coutinho, 2010: 213).

Concordamos com Coutinho (2010) sobre o espaço da creche ser um espaço de possibilidades, de relações, de encontros e de experiências dos e para os bebês com os outros, sobretudo os seus pares de idade. Nessa perspectiva, destacamos que as interações que ocorrem nesses espaços são um dos aspectos imprescindíveis para o desenvolvimento infantil (Barbosa, 2010; Batista, 1998; Oliveira-Formosinho, 2007; Luz, 2010; Ostetto, 2012; Rocha, 1999; Rossetti-Ferreira, Amorim e Oliveira, 2009).

Após esta introdução o texto está dividido em duas seções. Na primeira trazemos mais elementos dos referenciais teóricos e na segunda apresentamos episódios de choro registrados durante a pesquisa que nos auxiliam a percebê-lo como desencadeador de encontros e desencontros entre os bebês. Seguem-se as considerações finais onde buscamos evidenciar contribuições da pesquisa para a docência na creche e por fim as referências utilizadas.

2. O choro nas relações dos bebês com seus coetâneos na Educação Infantil.

Em um levantamento de trabalhos, realizado nos anos de 2022 e 2023, identificamos um crescimento daqueles que versam sobre as interações dos bebês com seus coetâneos, o que indica um maior interesse sobre a temática, bem como um reconhecimento social dos bebês como sujeitos potentes e de direitos (Amorim, 2012; Amorim *et al.*, 2012; Amorim e Anjos, 2012; Anjos; Amorim; Vasconcelos e Rossetti-Ferreira, 2004; Bussab, Pedrosa e Carvalho, 2007; Castro, 2011; Costa e Amorim, 2015; Fochi, 2013; Macário, 2017; Marques, 2019; Oliveira e Neves, 2018; Schmitt, 2008, 2013). De modo geral, esses estudos consideram os bebês sujeitos capazes de interagir desde que nascem, e é a partir dessa condição que eles se desenvolvem, sustentando a ideia principal de que os seus pares, na creche, são o seu principal parceiro de interação. Considerando o bebê na sua corporeidade, os estudos apontam a ocorrência dessas interações com seus coetâneos, ainda de forma muito precoce, e destacam as suas principais formas de comunicação, como o choro, os olhares, os balbucios e os gestos.

Conforme colocado por Fochi (2013), os bebês são sujeitos de potência em suas relações, e suas ações se apresentam como pontos de partida que provocam ou incitam outras ações e expressões no meio em que estão inseridos. Ao fazermos essa afirmação, estamos cientes de que a potência dos bebês não os exime da dependência vital dos adultos no início da vida, uma vez que eles exercem um papel essencial no processo de desenvolvimento dos bebês (Amorim *et al.*, 2020). É muito importante que essa ideia esteja clara e seja entendida. No entanto, na perspectiva da Pedagogia da Infância, é necessário enfatizar o quanto o bebê é capaz e é um sujeito que participa e insiste para existir. Estudos como os de Oliveira-Formosinho (2007) reiteram a necessidade de retirar o bebê desse lugar social ainda marcado pela inferioridade nas práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto da EI.

Por serem capazes de modificar e transformar o ambiente no qual estão inseridos, bem como as práticas desenvolvidas, é muito importante que haja possibilidades de momentos qualificados para tal, pois os bebês, à sua maneira, também educam (Amorim *et al.*, 2020). Assim sendo, a organização desse ambiente precisa ser pensada e planejada pelas professoras, a fim de propiciar esses momentos, permitindo que os bebês tenham contato com o outro, sobretudo os seus coetâneos, e com o meio, para que, deste modo, possam interagir, enfrentar desafios e aprender.

Nesses encontros, os bebês, ao se sentirem acolhidos, sem a intervenção direta dos adultos, vão aprendendo a “lidar com uma série de situações e, ainda, encontrar recursos frente a incômodos e conflitos, buscando superá-los” (Amorim *et al.*, 2012: 317). Nesse sentido, é necessário que tenhamos um olhar mais apurado para os bebês, suas relações e suas formas de comunicação, tão sutis, breves e potentes.

A ação docente é fundamental nesse processo, abrindo possibilidades para que as interações e os encontros entre os bebês aconteçam. Repensar as práticas pedagógicas de forma intencional, de modo que favoreçam esses encontros, requer iniciativas de adultos sensíveis que reconheçam o ser bebê como sujeito que age no mundo, bem como a existência de suas interações com seus pares, para que sejam capazes de compreendê-las e potencializá-las (Amorim *et al.*, 2020, Schmitt, 2014).

Ao superarmos nossas formas adultocêntricas de enxergar os bebês e as crianças, podemos compreendê-los como sujeitos capazes nas suas interações e, assim, agir de modo a efetivar um trabalho de cuidado e educação qualificado na EI. A partir desse pensamento, assim como também preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (Brasil, 2009), destacamos como as atitudes das professoras, além de uma observação atenta e da organização do ambiente, permitem que os bebês vivam experiências significativas com seus coetâneos, o que possibilita também uma maior tranquilidade para que as professoras possam se envolver com as ações de cuidado com outros bebês. Essas iniciativas de organizar o ambiente demonstram a sensibilidade, o reconhecimento e a

compreensão das professoras sobre a relação dos bebês entre si, bem como do próprio choro como uma forma de chamar a atenção do outro e de comunicar algo (Marques, 2019).

Para Vygotsky (2007), as interações sociais são primordiais no processo de desenvolvimento do ser humano desde o início da vida. Portanto, nessa etapa, essas interações diferem por não haver a presença da linguagem oral, possuindo suas formas específicas de comunicação e estratégias não verbais. O choro se apresenta como uma ação dos bebês (Wallon, 1968) e perpassa as interações e os encontros deles, interferindo no curso dos acontecimentos, demarcando ações, desencadeando novas atitudes e interações nos outros bebês e possibilitando novas construções de significados entre eles.

Assim, consideramos que, nesse contexto de cuidado e educação, os bebês são protagonistas e circunscrevem o *meio* em que estão inseridos, assim como o *meio* os circunscreve. É nesse processo de significações que os bebês se constituem como pessoas que são. Enquanto são cuidados, aprendem a cuidar de si e do outro. As professoras são as pessoas mais experientes, que, ao conhecer e respeitar esses sujeitos e suas ações, podem construir contextos de experiências que possibilitem o acompanhamento e suporte às suas vivências dos bebês.

Na próxima seção apresentamos episódios em que é possível conferir a potência dos encontros dos bebês com seus coetâneos.

3. O choro dos bebês como possibilidade de relações e de construção de significados com seus coetâneos.

Em nossa pesquisa, verificamos que os bebês interagem entre si e que são muitos os encontros, mesmo que rápidos, que se dão entre eles. Observamos que a maioria deles se deram na sala do berçário, pois acreditamos que esse é um espaço que se apresenta como o “mais seguro” do ponto de vista das professoras. Assim, foi exatamente nesse espaço que elas deixaram que os bebês ficassem mais livres para circular e, conseqüentemente, se encontrarem. Pudemos perceber ainda, assim como Schmitt (2008), que esses encontros se davam durante os momentos de cuidado, alimentação e higiene, uma vez que, na mesma proporção de tempo, outras ações e relações simultâneas também ocorriam no berçário.

Nesses encontros, a partir do choro, ações foram direcionadas, tanto por parte dos bebês quanto dos adultos. Com o objetivo de ilustrar como o choro perpassa os encontros e os desencontros dos bebês com seus coetâneos, apresentamos a seguir alguns episódios que explicitam os elementos que consideramos essenciais para nossas análises. Ressaltamos que a escolha dos episódios foi baseada nesse processo de aprender a ver e compreender as nuances que envolvem os saberes dos bebês, ainda tão invisíveis na nossa sociedade (Gottlieb, 2012).

Para melhor compreensão das análises, dividimos essa seção em duas partes. Na primeira, explicitamos como o choro perpassa as interações dos bebês, desencadeando neles novas ações e também os seus desencontros. Na segunda seção, apresentamos o choro como uma ponte para que as interações sejam iniciadas entre os bebês. Ressaltamos que o nosso principal foco é mostrar em todos os episódios a potência dos bebês em suas relações.

3.1. O choro durante os encontros dos bebês com seus coetâneos.

O episódio abaixo apresenta o encontro da bebê Ana Luísa com o bebê Ricardo, e como o choro perpassou esse encontro e desencadeou outros mais. Era hora de servir o leite para os bebês. Esse momento e o momento do lanche ocorriam dentro da sala do berçário. A mamadeira com leite era a primeira refeição logo após o despertar do sono dos bebês, por volta de 13 horas. As professoras, à medida que os bebês iam acordando, os conduziam para a sala do berçário e pediam para que se sentassem no colchonete. Em seguida lhes ofereciam a mamadeira com leite.

A bebê Ana Luísa se senta próxima de Ricardo, que já está tomando seu leite. O bebê Ricardo olha fixamente para Ana Luísa. Os bebês se olham por alguns segundos. Em seguida, a bebê sorri para Ricardo. Ricardo para de sugar o leite de sua mamadeira e a retira da boca. O bebê, olhando para Ana Luísa, balbucia e atira a mamadeira em sua direção. A mamadeira cai no chão, bem próxima de Ana Luísa. A bebê olha para Ricardo e para a mamadeira, e também balbucia, fazendo gestos com a boca. A bebê pega a mamadeira e, balbuciando, a devolve para Ricardo. O bebê Ricardo bate com sua mão na mamadeira, e, ao cair no chão, um pouco de leite é derramado (Transcrição de videogravação realizada em 09/11/2017).



Figura 1. Sequência do episódio “O encontro da bebê Ana Luísa com o bebê Ricardo”.

Fonte: Seleção de imagens realizada a partir da gravação. Arquivos da pesquisa (2017).

Os bebês Ana Luísa e Ricardo interagiam, conversavam um com o outro por meio de uma linguagem própria, uma linguagem não verbal, enquanto as professoras se ocupavam de outros afazeres, como preparar as mamadeiras com o leite ou/e indo até à sala do sono retirar do berço os bebês à medida que iam acordando.

Nesse momento de encontro entre os bebês estão presentes os olhares, os gestos, os balbucios e os movimentos. Em situações como essas descritas acima, mesmo que passem despercebidas e muitas vezes não sejam reconhecidas pelos adultos, fica evidente o quanto os bebês se interessam uns pelos outros e observam atentamente as ações e expressões de seus coetâneos. Assim, por curtos períodos, os bebês vivem relações intensas entre eles (Appell e David, 2021).

Podemos afirmar que as ações de Ricardo, ao perceber que Ana Luísa havia acordado naquele momento, condiz com as ações dos próprios adultos? O episódio nos traz pistas valiosas sobre isso e tentaremos explicitá-las e refletir sobre elas.

Os bebês percebem o que acontece à sua volta e, ademais, se percebem envolvidos em uma rotina nesse contexto. Acreditamos que há indícios de que Ricardo tenta oferecer a mamadeira com leite para a bebê que acabara de acordar, assim como as professoras e a auxiliar fazem. Dessa forma, é bem possível dizer que a ação de Ricardo condiz com um possível ato de imitação. Para Wallon (2008), ações como essas podem ser resultado de um contínuo processo de percepção e compreensão das ações realizadas pelo outro adulto – as professoras.

Percebemos que as crianças bem pequenas intervêm na ação dos pares ainda que muitas vezes o façam recorrendo a formas de comunicação quase invisíveis aos olhos dos adultos, que, apressados em seus cotidianos, muitas vezes não se permitem capturar as fluidas formas de expressão das crianças. As crianças bem pequenas também modificam as suas ações a partir do que observam nas ações em seu entorno (Coutinho, 2010: 181).

Percebemos que a bebê Ana Luísa devolveu a mamadeira para o seu par de idade, o que nos leva a entender que a bebê compreende que não poderia aceitá-la, uma vez que a sua estava sendo preparada pela professora. Ao tentar devolvê-la, o bebê Ricardo bateu com a sua mão na mamadeira. No chão, foi derramado um pouco de leite. Os bebês olharam fixamente para o leite. Ana Luísa balbuciou e seu olhar foi em direção às professoras. O diálogo entre eles é intenso, e cada vez mais estão em sintonia e em interação um com o outro.

Os bebês se olham, e Ana Luísa faz gestos com a boca e balbucia: *Óóó*. Ricardo engatinha em direção à mamadeira para pegá-la de volta. A professora Janaina percebe a situação e se aproxima. Ela diz: *Ah, a Ana Luísa não ganhou, não, né?* Ela vai até a bancada e pega a mamadeira da bebê e lhe oferece. Em seguida, ela pega o bebê por debaixo dos braços e o senta novamente no colchonete. Os bebês voltam a tomar o leite sentados. A partir desse momento, outros bebês, ao perceberem o que ocorreu, tentam se levantar. Mirela observa o leite derramado no chão e engatinha até lá, e passa a mão no leite e parece gostar de sentir sua textura. Outros bebês observam. Danubia também se levanta e joga a sua mamadeira no chão. A professora Cremilda tenta impedi-la de fazer isso. A bebê Danubia chora. A professora olha para a bebê enquanto canta. Danubia bate com seu próprio corpo na parede e chora ainda mais. Em seguida, a professora acolhe a bebê em seu colo enquanto conversa com ela. A professora verifica se a bebê se machucou. Após alguns segundos, Danubia para de chorar (Transcrição de videogravação realizada em 09/11/2017).



Figura 2. Sequência do episódio “O encontro da bebê Ana Luísa com o bebê Ricardo” (continuação).

Fonte: Seleção de imagens realizada a partir da gravação. Arquivos da pesquisa (2017).

A ação de Ricardo de jogar a mamadeira no chão provocou muitos outros movimentos, não só nos bebês, como também na professora. É bastante visível como as ações e expressões dos bebês interferem no contexto de modo geral, provocando novos encontros e desencontros entre eles.

Ao perceber a situação, a professora se dirigiu até a bebê Ana Luísa e lhe entregou o seu leite, aproximou-se de Ricardo e o colocou novamente sentado no colchonete. O momento de diálogo entre os bebês se desfez. Ainda assim, a interação entre eles incitou nos outros bebês novas ações e expressões, e outros encontros se deram.

Na sequência dos fatos, a bebê Danubia observou atentamente o que ocorreu e, ao se levantar, também jogou a sua mamadeira no chão. No momento em que a professora tentou impedir Danubia de jogar sua mamadeira, o choro se instaurou. A bebê expressou sua insatisfação tanto pelo corpo quanto pelo choro. Nesse sentido, podemos afirmar que o choro atravessa essas interações na creche, tanto entre os bebês quanto dos bebês com os adultos.

Esse choro aparece e não está desvinculado das outras formas de comunicação dos bebês, “pelo contrário, o entrelaçamento do olhar, com a expressividade corpórea e com o entorno social e cultural é de tal forma articulada que é só por isso que faz sentido tomá-lo como importante elemento estruturante das ações das crianças” (Coutinho, 2010: 182). O choro de Danubia molda a dinâmica das interações nesse contexto. Assim, podemos concluir que o choro que emerge nos encontros dos bebês incita outros tantos e, com isso, novas relações se estabelecem.

Os movimentos do bebê Ricardo desencadearam respostas e outras expressões nos seus coetâneos, como o choro de Danubia. Essas observações condizem com pesquisas anteriormente realizadas que fomentam a ideia de que há indícios reveladores de relações dialógicas entre os bebês (Guimarães, 2011; Schmitt, 2008). Também verificamos essas relações dialógicas entre os bebês em nossa pesquisa.

Na sequência, apresentamos outro episódio que ilustra um encontro dos bebês que também é atravessado pelo choro. Nesse episódio é possível perceber como os bebês criam no contexto da creche tempos e espaços para se encontrarem.

A professora Janaína permite que os bebês entrem na sala do sono. Eles parecem gostar de circular pelo espaço, pois gritam e balbuciam bastante e têm nos rostinhos sorrisos misturados com gritos. Eles olham por entre as grades dos berços para os bebês que ainda estão dormindo e também observam as ações das professoras e da auxiliar. À medida que os bebês acordam, as professoras e a auxiliar vão ajudando-os a saírem do berço e levando para as trocas de fraldas. A auxiliar verifica as fraldas ou encaminha os bebês para a outra sala, onde logo irão tomar o leite, a primeira refeição da tarde, após o sono. A professo-

ra percebe que os bebês exploram o espaço e tentam pegar tudo o que encontram. Nesse sentido, ela vai mudando os berços de lugar. Ao passo que, entre um berço e outro, os bebês se encontram envolvidos em uma sintonia e melodia própria. A bebê Ana Luísa grita, e após alguns segundos para e aguarda a resposta do próximo bebê. Os bebês gritam e sorriem bastante. Se olham e correm de um lado para o outro e, em seguida, repetem essas ações por algumas vezes. Eles parecem estar envolvidos em um tipo de brincadeira. As professoras não percebem, estão ocupadas com outros afazeres e outros bebês, e com a preparação do lanche. Há cinco bebês entre os berços como se fosse um cantinho. Alguns percebem e vem lá da outra sala para brincar e já estão tomando leite. Os bebês se abaixam, mexem com todo o corpo e gritam sorrindo.



Figura 3. Sequência do episódio “O encontro e o desencontro dos bebês: choros, gritos, balbucios e brincadeiras”.

Fonte: Seleção de imagens realizada a partir da gravação. Arquivos da pesquisa (2017).

Observamos que, no episódio acima, há um convite explícito entre os bebês de aproximação e interação, enquanto as professoras estão envolvidas com outras ações pedagógicas. Eles transitavam livremente pela sala do sono e exploravam o espaço. Por meio do olhar, os bebês se convidavam a compartilhar esse espaço e interagir nele, envolvidos numa espécie de brincadeira.

Esses encontros, ainda que não sejam planejados pelos adultos, nem direcionados por eles, são atravessados por suas ações e significações, pois são os responsáveis pela organização do ambiente. É importante ressaltar o quanto as ações das professoras de organizar e preparar o ambiente possibilitam ou não a estabilidade e o favorecimento da autonomia dos bebês para que encontros de fato aconteçam.

No episódio acima, podemos perceber que os bebês se encontraram entre os berços, um espaço que não foi pensado ou planejado pelas professoras para esses encontros. Contudo, ao ter a ação de mudar os berços de lugar, mesmo que indiretamente, elas contribuem para que os bebês possam interagir. Sobre essas situações, Schmitt (2008) afirma que, “de certa forma, esses espaços, em que só cabiam os pequeninos, apesar de organizados previamente pelos adultos, muitas vezes eram apresentados pelos próprios bebês, uns aos outros, por suas ações, gestos e olhares” (Schmitt, 2008: 156).

Os bebês se encontraram envolvidos numa espécie de brincadeira, nos apresentando pistas de um jogo funcional, conforme proposto nos estudos de Wallon (1968). Sobre este jogo, Galvão (2014: 47) explica que “é o tipo mais primitivo da atividade lúdica. Aqui prevalecem as cenas em que os bebês e as crianças repetem suas ações e palavras várias vezes, independente do contexto em que estão e se dão as interações”, pois, antes da palavra, “para se fazer entender, a criança não tem senão gestos, ou seja, movimentos em relação com as suas necessidades, ou o seu humor, bem como com as suas situações” (Wallon, 1979: 73).

Os bebês continuaram a circular mais livremente pela sala do sono, e podemos perceber a realização de uma brincadeira entre eles. O bebê Mário teve uma queda, e o choro novamente se instaurou no ambiente. Nesse momento, a auxiliar o acolheu no colo, mas os outros bebês foram imediatamente afetados pelo choro de Mário.

Mário está ali juntamente com outros bebês. Nesse momento, a professora intervém e pede para que os bebês se afastem dali. Mário vai até a sala e ao chutar uma bola, pisa nela e cai. O bebê chora muito. Outros bebês percebem e, nesse momento, deixam o espaço da sala do sono e se aproximam da auxiliar, que está com Mário no colo. Ela o pegou e o acolheu no colo. Aos poucos, o bebê para de chorar. Após o seu choro, a auxiliar lhe coloca sentado no colchonete. Outros bebês se aproximam dele e se sentam do seu lado. Mário e Isadora se olham por alguns segundos (Transcrição de videogravação realizada em 23/10/2017).

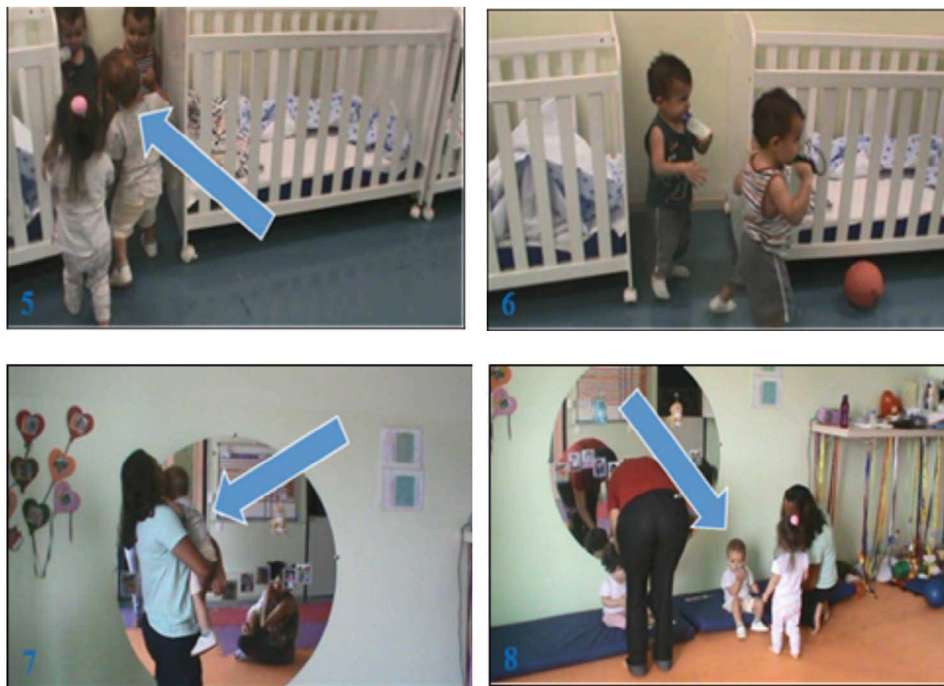


Figura 4. Sequência do episódio “O encontro e o desencontro dos bebês: choros, gritos, balbucios e brincadeiras” (continuação).

Fonte: Seleção de imagens realizada a partir da gravação. Arquivos da pesquisa (2017).

É importante atentarmos para o fato de que o choro de Mário não significou que o lugar estava ruim ou desorganizado. O que ficou evidente é que os bebês com suas ações modificaram o próprio ambiente e o transformaram num espaço que possibilitou os seus encontros. Dessa forma, consideramos que o choro possivelmente se deu pela queda do bebê e pela dor que ele pode ter sentido ao pisar na bola e cair no chão.

Com a presença do choro do bebê Mário, os encontros entre os outros bebês foram modificados, ao mesmo tempo que outros encontros se estabeleciam no espaço da sala do berçário e na sala do sono. Esses achados confirmam o que Wallon (1971) pontua a respeito do poder que o choro exerce sobre a ação do outro, apresentando-se como um recurso altamente mobilizador e eficaz para chamar a atenção do outro.

Outros encontros se deram a partir do choro, que direcionou novas ações tanto por parte dos bebês quanto dos adultos. Momentos como esses precisam ser reconhecidos pelas professoras. No episódio acima, também é possível perceber que a professora Janaína interfere algumas vezes, e os bebês só têm a oportunidade de interagir porque elas estão envolvidas em outras ações.

a opinião de que os bebês não estão interessados uns nos outros talvez seja originária da nossa própria dificuldade de reconhecer que, mesmo nessa tenra idade, os bebês podem criar para si, por curtos períodos, um pequeno ambiente social uns com os outros, no qual nós, como adultos, temos um papel apenas marginal (Goldschmied e Jackson, 2006: 120).

Em consonância com as autoras supracitadas, consideramos que os bebês possuem suas próprias estratégias relacionais, que lhes permitem se encontrar, mesmo com a intervenção dos adultos, e, por vezes, também resistir e modificar as ações das professoras nos momentos de uma rotina já prevista.

3.2. O choro como ponte de encontros entre os bebês

Nesta seção, apresentamos alguns episódios que consideramos ilustrar melhor como ocorrem encontros entre os bebês suscitados pelo choro.

No próximo episódio, observamos que a bebê Isadora estava chorando e, enquanto chorava, olhava para a professora e em direção à bancada. As professoras e a auxiliar, que estavam engajadas em um diálogo e também em outras ações, pareceram não perceber o que a bebê provavelmente tentava comunicar a elas. A bebê Danubia olhou para a bebê e se aproximou dela, e nesse momento se encontraram por meio de um diálogo que envolveu choro, balbucios, olhares, gestos e ações.

É possível afirmar que a bebê Danubia foi afetada pelo choro de seu par de idade. Danubia, que num gesto de solidariedade se aproximou da bebê Isadora, pareceu compreender o que a outra queria. Ao acompanhar os seus gestos, o seu olhar e o seu choro, um encontro entre as duas foi sendo moldado e costurado.

A sensibilidade da bebê Danubia, a capacidade empática e o envolvimento com a outra bebê é algo bastante perceptível. Sobre esses atos responsivos entre os bebês e sobre a possibilidade de existência de alteridade entre eles, Schmitt (2008: 149) pondera que “nas relações estamos sempre estabelecendo alteridade com o outro ser humano ou com os objetos e produções culturais que trazem em si a linguagem e sentidos atribuídos socialmente”.

Se um bebê demonstra um ato responsivo, uma resposta ao apelo do outro, eles “vivem relações de alteridade que constituirão essa percepção (de si e do outro)” (Schmitt, 2008: 150). Para tanto, “a visibilidade da ação ativa das crianças pequenas torna-se necessária, ao observar que nessa relação não está ocorrendo apenas a sua constituição, mas também a do outro” (Schmitt, 2008: 150).

Isadora se aproxima de Cremilda chorando e estende o braço para ela. Cremilda está conversando com Janaína e não olha para ela, e ainda se afasta dali. Isadora fica parada em pé, de frente para Danubia. Isadora olha para ela e aponta o braço para ela e para o chão, balbuciando. Danubia olha para ela e para o chão. Em seguida, ela se abaixa um pouco e pega um bico que está ali no chão, olha para ele e em seguida o coloca na boca de Isadora. Isadora fica com o bico na boca, para de chorar e vai deitar no recosto. As professoras e a auxiliar estavam fazendo outras coisas (Transcrição de videogravação realizada em 27/11/2017).



Figura 5. Sequência do episódio “O encontro da bebê Danubia com a bebê Isadora: choro, balbucios, olhares, gestos e ações durante o momento de transição e de espera da rotina”.
Fonte: Seleção de imagens realizada a partir da gravação. Arquivos da pesquisa (2017).

No episódio descrito, a bebê Danubia pareceu compreender o que Isadora desejava e ainda demonstrou preocupação com a bebê. Numa ação responsiva, ela pegou o bico que estava no chão e o colocou na boca de Isadora. Em seguida, Isadora olhou para a bebê, parou de chorar e se deitou. Bussab, Pedrosa e Carvalho (2007) mencionam alguns trabalhos que mostram momentos em que um bebê se preocupa e ajuda outro que está chorando. Em nossa pesquisa, pudemos perceber ações semelhantes entre os bebês, como a que estamos apresentando.

Nesse episódio em que Danubia ao encontrar Isadora tem a ação de lhe acalantar e lhe entregar o bico, e em seguida o choro cessa, podemos levantar questões intrigantes que convergem com a literatura mais recente das áreas da EI, da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia sobre as concepções de infância e criança, bem como sobre seu processo de desenvolvimento. É possível que nossa interpretação de que a bebê percebe de alguma forma o choro de Isadora e tenta minimizá-lo esteja correta. Contudo, isso não implica supor que a bebê teve uma intencionalidade consciente, mas implica saber que os bebês não são seres passivos, mas sim sociais, que se relacionam e significam suas ações à medida que os adultos as significam primeiro (Bussab, Pedrosa e Carvalho, 2007).

O choro se apresenta aqui como propulsor de construção de significados na relação entre os bebês, pois, quando um bebê se sensibiliza e vai ao encontro do outro, fica evidente o poder contagioso do choro (Galvão, 2014), que é também desencadeador de interações e encontros, se apresentando como uma potente linguagem.

A ação de oferecer o bico nos remete ao gesto de acalantar o outro, muito comum nesse contexto e em outros também. Na creche, as professoras usualmente têm essa atitude como resposta ao choro dos bebês. Nesse sentido, podemos afirmar que, assim como no episódio anterior, essa ação possivelmente é fruto de percepções e imitações

pelos bebês das ações das professoras, que por eles vão sendo ressignificadas e internalizadas (Rossetti-Ferreira, Amorim e Oliveira, 2009), ao passo que as reproduzem nas interações com seus coetâneos.

No episódio abaixo, podemos verificar essas ações dos bebês e como o choro demarca seus territórios. O episódio apresenta o encontro da bebê Danúbia com a bebê Ana Luísa e como o choro perpassou esse encontro, desencadeando outros mais e marcando territórios. O episódio ocorreu na sala do berçário e teve duração aproximada de 15 minutos. As professoras Laura e Janaina estavam com os bebês, havia música e elas cantavam e dançavam com os bebês. Elas estavam em pé, assim como a maioria dos bebês. Ao começar a música: “Atirei o pau no gato, mas o gato não morreu...”, as professoras fizeram uma rodinha para dançar com eles.

Os bebês se aproximam uns dos outros e parecem querer dar as mãos. Danubia está ali e se movimenta o tempo todo. Os bebês gritam e balbuciam o tempo todo. As professoras continuam na rodinha com os bebês e, quando a música termina, Danubia olha para Laura, estende as mãos e começa a chorar. Laura olha para ela, pega em suas mãos e diz: *Acabou, amor; acabou, Danubia, acabou.* Em seguida, começa a tocar outra música e Laura diz: *E agora, quem é que está chegando?* Danubia para de chorar e olha em direção ao rádio, mas, em seguida, olha para Laura estendendo os braços e começa a chorar novamente. Laura segura em seus braços, se abaixa um pouco, e diz: *Escuta, escuta.* Danubia para de chorar e fica parada onde está. Ela parece fazer o que Laura disse (Transcrição de videogravação realizada em 06/11/2017).



Figura 6. Sequência do episódio “O choro de Danubia que convoca para a brincadeira de roda com a música “Atirei o pau no gato”.

Fonte: Seleção de imagens realizada a partir da gravação. Arquivos da pesquisa (2017).

No primeiro momento dessa atividade, os bebês se mostravam muito envolvidos, parecendo gostar muito, e não houve choro. Eles balbuciam, gritaram e sorriram envolvidos numa dinâmica interacional entre pares. Quando a música terminou, a bebê Danubia, imediatamente, buscou na professora algo que parecia desejar: a continuidade da música e/ou a interação e proximidade com seus pares e com as professoras. Por meio do choro, Danubia comunicou algo à professora.

A professora, por sua vez, respondeu com diálogo e aproximação, demonstrando-lhe que compreendeu sua linguagem. A partir do momento que tocou outra música, a bebê parou de chorar por alguns segundos, mas percebeu que não era a música que possivelmente desejava ouvir. A partir do choro de Danubia, iniciaram-se outros encontros interativos e até mesmo brincadeiras entre eles. Bebês direcionavam e elaboravam suas próprias atividades e práticas com seus coetâneos. Rossetti-Ferreira *et al.* (2017) constataram que os bebês, desde a mais tenra idade, apreciam o som de músicas e são capazes de explorar o ambiente com seus coetâneos, e já se pode perceber neles iniciativas de algumas brincadeiras.

A música que toca é do elefante. Nesse momento, Ana Luísa sai andando pela sala, se aproxima de Danubia, estica o braço e olha para ela. Danubia olha para sua mão e segura; e começa a mexer o corpo. Ela se balança e depois se abaixa como se estivesse dançando a música “Atirei o pau no gato”. Ana Luísa segura sua mão. Danubia balbucia e olha para Laura. Em seguida, Danubia anda pela sala e está de mãos dadas com Ana Luísa. Elas se aproximam da porta do solário, e Danubia solta a mão de Ana Luísa e coloca a mão nas costas da colega, como se a estivesse empurrando para se encostar na porta, e balbucia. Ana Luísa encosta na porta e Danubia também. Danubia começa a fazer movimentos com o bumbum na porta e Ana Luísa olha para ela e tenta fazer também. Em seguida, a bebê olha para Ana Luísa e pega em sua mão. Ela puxa Ana Luísa e anda. Ana Luísa olha para ela sorrindo e vai com ela (Transcrição de videogravação realizada em 06/11/2017).



Figura 7. Sequência do episódio “O choro de Danubia que convoca para a brincadeira de roda com a música “Atirei o pau no gato” (continuação).
Fonte: Seleção de imagens realizada a partir da gravação. Arquivos da pesquisa (2017).

A dinâmica das interações entre os bebês e as professoras foi sendo moldada pelo choro e pelas ações de Danubia e de Ana Luísa, que se aproximaram e se engajaram em um novo enredo na sala do berçário. Para refletirmos sobre os atravessamentos do choro em encontros como esse, tomamos, como exemplo, as constatações de Zanella e Andrada (2002), que, mesmo não tendo como foco o estudo do choro dos bebês, demonstram, por meio da análise de um episódio em que há o choro, que, a partir dessa forma de comunicação, iniciam-se mais episódios, interações e até mesmo brincadeiras entre eles, de modo que é possível verificar a potência dessa expressão como condutora e desencadeadora de interações e encontros.

As bebês direcionavam sua própria atividade: a rodinha da música “Atirei o pau no gato”, contudo, a professora Janaína se aproxima e afasta as bebês uma da outra.

A bebê vai tentar pegar na mão de Ana Luísa novamente, e Janaína, segurando seu braço, diz: *Danubia, ela não está querendo brincar assim mais, não, Danubia.* Danubia esperneia e começa a chorar. Ana Luísa fica em pé parada, observando o que está acontecendo. Danubia senta no chão e está chorando, e, após alguns minutos, para de chorar. Ela encontra uma aranha de plástico no chão e se distrai com ela. Agora está tocando no rádio a música da “Dona aranha” (Transcrição de videogravação realizada em 06/11/2017).

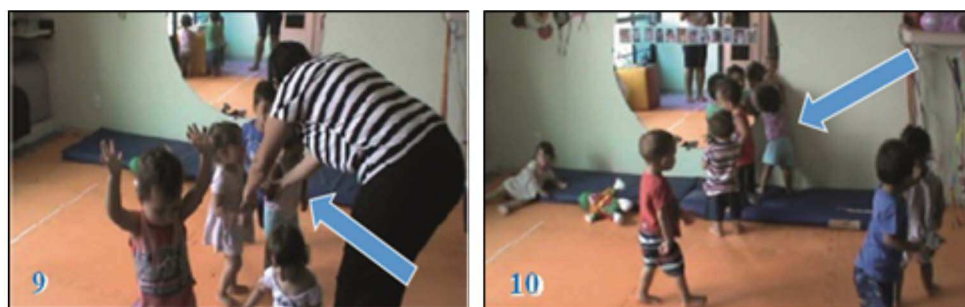


Figura 8. Sequência do episódio “O choro de Danubia que convoca para a brincadeira de roda com a música “Atirei o pau no gato” (continuação).
Fonte: Seleção de imagens realizada a partir da gravação. Arquivos da pesquisa (2017).

Com a intervenção da professora Janaína, as bebês foram impedidas de continuar interagindo. Amorim e outras autoras (2012) identificaram o quanto as intervenções dos adultos são recorrentes nas interações dos bebês com seus coetâneos. Danubia chorou outra vez, provavelmente, demonstrando sua insatisfação por não poder continuar interagindo com a outra bebê. Dessa forma, é visto que “a expressividade do bebê fornece pistas sobre atitudes com relação à própria criança e às outras pessoas, permite também focalizar aspectos intersubjetivos e dialógicos” (Amorim *et al.*, 2012: 315).

Nesse sentido, é muito importante que o adulto faça “o exercício de guardar a palavra para também guardar o excesso de intervenção” (Fochi, 2013: 144). Será muito difícil haver espaço para um bebê

levar a cabo sua intenção e percebê-la, se estiver sendo mediado por um adulto que sobrepõe suas próprias perguntas e desejos às perguntas e desejos dos bebês, que não permita que o bebê se conecte com sua própria atividade e perceba o prazer no modo como a empreende (Fochi, 2021: 115).

Assim, é necessário que os bebês tenham esse espaço, no sentido de se colocarem como sujeitos que também desejam algo singular e que têm suas próprias estratégias de aproximação com o seu par de idade. As ações das professoras e da auxiliar, mesmo já previamente delimitadas, foram perpassadas pelas ações dos bebês e demarcadas sobretudo pelo choro. Enfatizamos até aqui as múltiplas relações existentes dos bebês entre si, além de mostrar como o choro está engendrado nelas e como, por meio dele, os bebês marcam territórios e o lugar social nas interações com seus coetâneos.

4. Considerações finais: indícios para a construção da docência com os bebês

A partir das análises realizadas, constatamos que o compartilhamento de vivências entre os bebês existe, mesmo que na maioria das vezes não seja percebido pelos adultos. Para tanto, conforme reitera Schmitt (2014), é preciso que esses encontros sejam endossados pelos adultos na própria forma como eles organizam o espaço para os bebês, demonstrando acreditar neles e confiar em sua capacidade. Esses episódios nos desafiam! Parece que estamos diante de processos que ainda não entendemos plenamente. As relações entre os bebês precisam ser vistas como momentos em que formas sutis de linguagem, pouco valorizadas em nossa sociedade, como o choro, se revelam com significativo potencial nas relações educativo-pedagógicas que se estabelecem no espaço da creche.

Por meio do choro, evidenciamos como os bebês modificaram o contexto no qual estavam inseridos e iniciaram as suas próprias atividades, fazendo emergir um misto de cuidado e educação, tendo sua agência evidenciada por meio da presença dessa forma de linguagem. Nesse sentido, consideramos importante salientar o quanto é fundamental que as professoras considerem essas expressões como um indicador e um fio condutor de suas práticas de cuidado e educação nas instituições de EI. E, não menos importante, precisamos escutar as professoras para além de suas condições de formação acadêmica e profissional, escutá-las sobre suas próprias formas de se comunicar e sobre suas emoções, para que possam compreender melhor esses aspectos emocionais e propiciar aos bebês – e viver com eles – experiências mais horizontalizadas.

Enfatizamos, desse modo, a necessidade de as professoras darem condições para que essas ações e expressões sejam fecundas de outras tantas ações, interações e encontros, possibilitando aos bebês múltiplas experiências. Ressaltamos também a possibilidade de elas aprenderem com as ações e expressões dos bebês, sobretudo com o seu choro, e que possam enxergá-lo como uma dimensão do currículo que pode orientar as relações educativo-pedagógicas na creche.

Conforme Barbosa (2010), mesmo com os avanços em relação à compreensão do trabalho de cuidado e educação com bebês nas instituições de EI, as práticas pedagógicas específicas para eles ainda não foram efetivadas de modo a considerar suas especificidades, sobretudo suas formas de comunicação. Desse modo, enfatizamos a necessidade de seguirmos estudando e refletindo sobre a docência com bebês no contexto da creche.

Com essas perspectivas e a partir das análises e reflexões aqui realizadas, reiteramos a importância da EI como um contexto que pode possibilitar experiências de construção de significados e de subjetividades, por meio do qual bebês, professoras, crianças e demais pessoas se constituem mutuamente.

5. Referencias

- Amorim, K. de S. (2012). Processos de significação no primeiro ano de vida. *Psicologia*, 28, 45-53.
- Amorim, K. de S. et al. (2012). O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos. *Temas em Psicologia*, 20(2), 309-326.
- Amorim, K. de S. et al. (2020). Continuando o debate sobre cuidado e educação de crianças nos primeiros anos de vida. *Teoria e Prática da Educação*, 23(1), 22-35.
- Amorim, K. de S., Anjos, A. M. dos, Rossetti-Ferreira, M. C. (2012). Processos interativos de bebês em creche. *Psicol. Reflex. Crit.*, 25(2), 378-389.
- Amorim, K. de S., Vitória, T., Rossetti-Ferreira, M. C. (2000). Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. *Cadernos de Pesquisa*, 109, 115-144.
- Anjos, A. M. et al. (2004). Interações de bebês em creche. *Estudos de Psicologia*, 9, 513-522.
- Appell, G., David, M. (2021). *Maternagem insólita*. São Paulo: Ominisciência.
- Barbosa, M. C. (2010). Especificidades da ação pedagógica com os bebês. En *Actas del Seminário Nacional Currículo em Movimento: Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte: [s.n.].
- Batista, R. (1998). *A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.
- Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Educação. (2014). *Proposições Curriculares para a Educação Infantil: fundamentos*. Belo Horizonte: SMED; Prefeitura de Belo Horizonte, v. 1.

- Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Educação. (2015). *Proposições curriculares para a Educação Infantil: eixos estruturadores*. Belo Horizonte: SMED; Prefeitura de Belo Horizonte, v. 2.
- Bussab, V. S. R., Pedrosa, M. I. P., Carvalho, A. M. A. (2007). Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. *Psicologia USP*, 18(2), 99-133.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2010). *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília. MEC, SEB.
- Castro, J. S. de. (2011). *A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.
- Costa, C. A., Amorim, K. de S. (2015). Abreviação em relações de bebês com seus pares de idade. *Psicologia*, 31(1), 15-23.
- Coutinho, A. M. S. (2010). *A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche*. Tese. Universidade do Minho: Braga.
- Fochi, P. S. (2013). “Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Fochi, P. S. (2021). A curiosidade, a intenção e a mão: o ethos lúdico do bebê. *Revista Humanidades e Inovação*, 8(68), 111-118.
- Galvão, I. (2014). *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 23. ed. Petrópolis: Vozes.
- Gobbato, C., Barbosa, M. C. S. (2017). A (dupla) invisibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas na Educação Infantil: tão perto, tão longe. *Revista Humanidades e Inovação*, 4(1), 21-36.
- Goldschmied, E., Jackson, S. (2006). *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Gottlieb, A. (2012). *Tudo começa na outra vida: a cultura dos recém-nascidos no Oeste da África*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp.
- Guimarães, D. O. (2011). *Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche: o cuidado como ética*. São Paulo: Cortez, 2011.
- Luz, I. R. (2010). Relações entre crianças e adultos na Educação Infantil. En *Actas del Seminário Nacional Currículo em Movimento: Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte: [s.n.].
- Macário, A. P. (2017). *A potência das interações dos bebês em uma creche pública do município de Juiz de Fora*. Dissertação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- Marques, F. P. C. (2019). *As expressões de choro dos bebês em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Marques, F. P. C. (2023). *Entrelaçamentos: o choro dos bebês e a docência na Educação Infantil*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Oliveira, V. S., Neves, V. F. A. (2018). “Aqui é lugar da gente ser feliz”: o choro dos bebês e o enlaçamento do outro. En Carvalho, L. D., Neves V. F. A. (Org.). *Infâncias, Crianças e Educação: discussões contemporâneas* (pp. 93-110). Belo Horizonte: Fino Traço.
- Oliveira-Formosinho, J. (2007). Pedagogia(s) da Infância: reconstruindo uma práxis de participação. En J. Oliveira-Formosinho, T. M., Kishimoto, M. A. Pinazza (Org.). *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro* (pp. 13-36). Porto Alegre: Artmed.
- Ostetto, L. E. (2012). Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. En *Encontros e encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de estágios* (pp. 175-200). 10. ed. Campinas: Papirus.
- Rocha, E. A. C. (1999). *A pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia*. Tese. Universidade de Campinas: Campinas.
- Rosemberg, F. (2011). A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. En M. P. da S. Bento (Org.). *Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais*. (pp. 11-45). São Paulo: Ceert.
- Rossetti-Ferreira, M. C. et al. (Org.). (2017). *A Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Ribeirão Preto: CINDEDI.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. de S., Oliveira, Z. de M. R. de. (2009). Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. *Psicologia USP*, 20(3), 437-464.
- Schmitt, R. V. (2008). *Mas eu não falo a língua deles! As relações sociais de bebês num contexto de Educação Infantil*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.
- Schmitt, R. V. (2013). O encontro com bebês e entre bebês: uma análise do entrelaçamento das relações. En E. A. C. Rocha, S. Kramer (Org.). *Educação Infantil: enfoques em diálogo* (pp. 17-33). 3. ed. Campinas: Papirus.
- Schmitt, R. V. (2014). *As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente*. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.
- Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Wallon, H. (1968). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70.
- Wallon, H. (1971). *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Wallon, H. (1979). *Psicologia e educação da criança*. Tradução de Ana Rabaça e Calado Trindade. Lisboa: Universidade Vega.
- Wallon, H. (2008). *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Petrópolis: Vozes.
- Zanella, A. V., Andrada, E. G. C. (2002). Processos de significação no brincar: problematizando a constituição do sujeito. *Psicologia em Estudo*, 7, 127-133.